

# AS FALAS FEMININA E MASCULINA NO KARAJÁ E NO KADIWÉU

**AMANDA DINIZ VALLADA\***

Universidade Federal de Goiás (UFG), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL)  
Goiânia, GO, Brasil.

Recebido em: 26 ago. 2019. Aprovado em: 31 out. 2019.

Como citar este artigo: VALLADA, A. D. As falas feminina e masculina no Karajá e no Kadiwéu. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 251-263, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p251-263

## Resumo

Este artigo, filiado aos estudos de tipologia linguística (WHALEY, 1997), tem como objetivo abordar as diferenças entre fala feminina e fala masculina nas línguas indígenas do Brasil. As línguas escolhidas foram o Karajá (Macro-Jê) e o Kadiwéu (Guaikuru), visto que ambas já contam com descrições e levantamentos que tratam especificamente do tema: a dissertação e o artigo de Borges (1997, 2004, respectivamente) sobre o Karajá e a dissertação sobre o Kadiwéu de Souza (2012). Verifica-se que, tanto no Karajá quanto no Kadiwéu, as diferenças se concentram no nível fonológico, por meio de processos de ressilabificação, no caso do Karajá, e também no nível fonético, no caso do Kadiwéu.

---

\* E-mail: amandavallada@hotmail.com  
 <https://orcid.org/0000-0002-5512-6087>

## Palavras-chave

Tipologia linguística. Fala feminina e fala masculina. Línguas indígenas brasileiras.

## INTRODUÇÃO

Os estudos de tipologia linguística têm o propósito de investigar as línguas do mundo em busca de padrões compartilhados entre elas. Nas palavras de Whaley (1997, p. 7), a tipologia é “a classificação de línguas ou componentes de línguas baseada em características formais compartilhadas”. Nesse sentido, a tipologia linguística se ocupa de encontrar as similaridades entre as línguas e entender até que ponto elas variam.

Apesar de os propósitos da tipologia estarem presentes nos trabalhos de Humboldt e Schlegel e serem debitários dos pensamentos de estruturalistas estadunidenses e da Escola de Praga, é com as considerações de impacto de Joseph Greenberg que a tipologia linguística ganha o potencial de tecer “descobertas” sobre as línguas (WHALEY, 1997). Uma das grandes contribuições de Greenberg foi o empenho na busca por universais linguísticos, principalmente pelos universais implicacionais. Os universais linguísticos são estruturas que as línguas têm em comum. Os universais implicacionais, por sua vez, são um tipo de universal linguístico em que a presença de uma determinada estrutura é condicionada pela presença de outra, com a conhecida fórmula “se x, então y”. Além disso, os universais implicacionais não são bidirecionais. Ou seja, não é possível inverter a ordem da condição e da implicação, numa fórmula “se y, então x”.

Há também uma outra subdivisão dos universais linguísticos: os universais absolutos e os não absolutos. Os universais absolutos são comuns a todas as línguas do mundo, inclusive aquelas que não mais existem e aquelas que ainda nem existem. Sobre isso, Whaley (1997, p. 32) diz:

presume-se que os universais absolutos sejam verdade para todas as línguas em todos os tempos, até mesmo para as centenas de línguas para as quais não há descrição escrita e para as muitas centenas de outras que foram extintas sem deixarem para trás algum registro.

Já os universais não absolutos são tendências das línguas, estruturas que *geralmente* ocorrem, mas com muitas exceções.

Ainda a respeito dos universais, há certa controvérsia sobre as explicações de suas origens, isto é, se eles são internos ou externos à gramática da língua. Como aponta Whaley (1997), nas explicações internas a língua é entendida como um sistema governado por regras, e nas explicações externas entende-se que essas regras não surgem a partir do nada, mas são ocasionadas pelas necessidades de uso, tais como as necessidades discursivas e cognitivas.

As explicações externas das estruturas linguísticas são muito pertinentes quando se trata das diferenças entre fala feminina e fala masculina. Nas diferenças linguisticamente marcadas entre homens e mulheres, podem estar envolvidas questões culturais e sociais, as quais reiteram essas diferenças linguísticas ao mesmo tempo que são motivadas por elas, conforme entende uma perspectiva performativa de gênero (BUTLER, 2019) e de linguagem (AUSTIN, 1962). Espaços que segregam homens e mulheres e atividades específicas de homens e de mulheres, por exemplo, podem ser índices da relação entre forma linguística, sistema cultural e organização social.

Falar sobre diferenças entre as falas de homens e de mulheres é falar sobre o papel do gênero na linguagem, de forma geral, e sobre o papel das diferenças de gênero nas diferenças de linguagem, de forma específica. Encontrar as características de fala feminina e fala masculina foi tema central para a pesquisa em linguística feminista até o início dos anos 1990.

Como já é conhecido, os trabalhos sobre linguagem e gênero produzidos até esse marco temporal podem ser divididos de acordo com sua abordagem diante das diferenças (CAMERON, 2005). Os estudos do *déficit* sugerem que a maneira como as mulheres falam é deficiente se comparada à maneira como os homens falam. Essa deficiência seria, nessa abordagem, proveniente de uma incapacidade natural das mulheres. Nessa perspectiva está o trabalho de Otto Jespersen (2005). Para o autor, às mulheres cabem os eufemismos e “refinamentos”. Aos homens, os “chefes renovadores da linguagem”, cabe uma linguagem com vigor e franqueza. Na abordagem da *dominância*, as pesquisas, representadas em Lakoff (1975), apontam que essas diferenças na linguagem seriam causadas pela posição subordinada das mulheres em relação aos homens. Já a abordagem da *diferença* sugere que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres refletiriam as normas sociais e linguísticas de suas diferentes culturas. Na perspectiva da diferença, estão estudos da sociolinguís-

tica interacional, como o realizado por Tannen (1990), a qual entende que as regras de interação são próprias de cada grupo cultural e podem causar confusões quando pessoas de diferentes grupos interagem.

As pesquisas sobre fala feminina e fala masculina nas línguas brasileiras não partem, ao menos explicitamente, de uma epistemologia feminista. Todavia, elas reconhecem a influência das questões de gênero na estrutura linguística na medida em que procuram apontar como as sociedades que investigam se organizam, social e culturalmente, em relação ao gênero. Assim faz Borges (1997), em sua dissertação sobre as falas feminina e masculina na língua Karajá, e Souza (2012), em sua dissertação sobre as falas feminina e masculina na língua Kadiwéu.

Na sociedade Karajá, certos espaços são restritos aos homens e certos espaços são restritos às mulheres. Como nos conta Borges (1997), os homens Karajá diariamente, ao final da tarde, se reúnem no *ijoina*, centro da vida cotidiana, cerimonial e política da aldeia, onde os homens recebem os visitantes masculinos. As mulheres Karajá, bem como as meninas e os meninos não iniciados, se encontram no espaço reservado a elas, o *hiranina*, somente durante as ocasiões cerimoniais. A proibição do acesso a lugares restritos ocorre desde a infância das crianças Karajá, e da mesma forma acontece com o uso das formas linguísticas femininas e masculinas:

[...] todos os membros dos grupos domésticos orientam as crianças no tocante às formas que elas deverão utilizar. Além de comunicarem-se com as meninas na fala feminina e com os meninos na masculina, os integrantes daqueles grupos também chamam a atenção das crianças "corrigindo" sua fala e mostrando-lhes que os meninos devem observar o modo como o pai e os demais homens da comunidade falam e as meninas, a fala de suas mães e das outras mulheres (BORGES, 1997, p. 19).

Os Kadiwéu separam suas atividades em funções de homem e de mulher. Souza (2012) observa que os meninos e homens Kadiwéu caçam e tocam tambor e flauta em festas; já as meninas e mulheres são responsáveis pela produção de cerâmica, por cantar nas festas e pela pintura corporal. Nas igrejas, homens sentam-se de um lado e mulheres de outro.

Ao contrário dos Karajá, relata Souza (2012), os grupos domésticos Kadiwéu não se comunicam desde cedo com as meninas na fala feminina nem com os meninos na fala masculina. Os meninos pequenos costumam utilizar a

fala feminina, em razão do convívio intenso com a mãe, e, quando têm um pouco mais de idade, passam a ser corrigidos pelos pais no uso de formas masculinas.

Um homem Kadiwéu não faz uso da fala feminina, e a mulher Kadiwéu não faz uso da fala masculina, nem mesmo quando se trata de reportar a fala de outra pessoa ou personagem (SOUZA, 2012). Com os Karajá não acontece dessa forma: na reprodução da fala de uma personagem feminina, por exemplo, os homens o fazem com a fala feminina, e o mesmo ocorre quando se trata de mulheres e personagens masculinos (BORGES, 1997).

O objetivo deste trabalho é abordar as diferenças entre fala feminina e fala masculina em línguas indígenas do Brasil. As línguas escolhidas para a análise comparativa foram o Karajá e o Kadiwéu, visto que ambas já contam com descrições e levantamentos que tratam especificamente do tema: a dissertação e o artigo de Borges (1997, 2004, respectivamente) sobre o Karajá e a dissertação sobre o Kadiwéu de Souza (2012). O Karajá é uma língua do tronco linguístico Macro-Jê e da família Karajá. Aproximadamente dois mil indígenas, que vivem em Goiás, Tocantins e no Mato Grosso do Sul, falam Karajá (BORGES, 2004). A língua Kadiwéu, pertencente à família Guaikuru, é falada por cerca de 1.500 indígenas, que vivem no estado do Mato Grosso do Sul (SOUZA, 2012).

Apesar de não ser propósito deste trabalho a busca por universais linguísticos, é possível considerá-los como um estudo tipológico. Trata-se de uma comparação entre estruturas linguísticas, a fim de compreender como as línguas indígenas brasileiras podem variar quanto às diferenças formalmente marcadas entre fala das mulheres e fala dos homens. Para isso, foram consultadas as produções já citadas de Borges e Souza para o acesso dos dados e das análises do Karajá e do Kadiwéu. Borges (1997) coletou os dados da língua Karajá nos anos de 1994 e 1995, com cinco colaboradores/as indígenas da aldeia de Aruanã (GO) e quatro da aldeia de Santa Isabel do Morro (TO). Souza (2012) coletou os dados do Kadiwéu com cinco colaboradores/as indígenas da aldeia Alves de Barros (MS) em 2010 e 2011. A comparação dos dados das duas pesquisadoras foi feita por mim no ano de 2019.

Este estudo se organiza da seguinte forma: na próxima seção, trago as diferenças entre fala feminina e fala masculina no Karajá; da mesma forma faço, a seguir, com o Kadiwéu; e, por fim, retomo essas diferenças e faço alguns apontamentos finais.

## KARAJÁ

No nível fonológico, a fala dos homens e a fala das mulheres se distinguem por apresentarem, de acordo com Borges (1997, 2004): 1. diferença no *onset* de uma sílaba; 2. diferença nos *onsets* de duas sílabas; 3. diferença no núcleo de uma sílaba e no *onset* da sílaba seguinte; 4. diferença no núcleo de uma sílaba e no *onset* da sílaba seguinte e, ainda, em um outro *onset*; 5. diferença no *onset* e no núcleo de sílaba final; 6. diferença no *onset* de uma sílaba e no *onset* e no núcleo de uma sílaba medial ou final; 7. diferença no *onset* e no núcleo de uma sílaba medial e no *onset* de uma sílaba seguinte; 8. diferença no *onset* e no núcleo de uma sílaba medial; 9. substituição de uma sílaba CCV da fala feminina por uma V, seguida de CV, na masculina.

### 1) Diferença no *onset* de uma sílaba

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
anõna	aõna	V.(C)V.CV	<i>coisa</i>
kue	ue	(C)V.V	<i>capivara</i>
dõriwakræna	dõriwaræna	CV.CV.CV.(C)CV.CV	<i>olho de cabra</i>
riwikurõnära	riwiurõnära	CV.(C)V.CV.CV.CV.CV	<i>eu troquei</i>
rarariʔwãmähõre	rarariwãmähõre	CV.CV.CV.(C)V.CV.CV.CV.CV	<i>eu convidei</i>

As formas femininas têm uma unidade temporal a mais do que as formas masculinas. O número de sílabas, contudo, permanece o mesmo, já que uma sílaba CV ou CCV na fala das mulheres se realiza V ou CV na fala dos homens, mantendo o núcleo silábico. A unidade temporal a mais pode ser preenchida pelas consoantes de *onset* /n/, /k/ e /ʔ/. A nasal dental /n/ acontece em início de sílaba medial, entre uma vogal central baixa /a/ e uma vogal posterior média alta arredondada nasal /õ/. A oclusiva velar desvozeada /k/ acontece no *onset* de sílaba inicial e medial. A africada pós-alveolar desvozeada acontece no *onset* de sílaba medial, entre as vogais anterior alta /i/ e posterior média baixa arredondada /õ/.

## 2) Diferença nos onsets de duas sílabas

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
anõmakõ	aõmãõ	V.(C)V.CV.(C)V	<i>para aquele lado</i>
werikõkõ	weriõõ	CV.CV.(C)V.(C)V	<i>cachimbo</i>
rariṭʃakõreri	rariaõreri	CV.CV.(C)V.(C)V.CV.CV	<i>ele/a não está andando</i>

No caso de a fala dos homens e a fala das mulheres diferirem quanto ao *onset* de duas sílabas, o segundo *onset* é preenchido por /k/ e o primeiro pode ser com /k/, /n/ e /ʃ/. Aqui, /ʃ/ também acontece antes da vogal central /a/, além das ocorrências vistas em 1. Diferentemente dos casos anteriores, esses itens lexicais na fala feminina têm duas unidades temporais a mais do que na fala masculina. Mas, novamente, o número de sílabas se mantém pelos mesmos motivos.

## 3) Diferença no núcleo de uma sílaba e no onset da sílaba seguinte

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
helikãre	helãre	CV.C(V).(C)V.CV	<i>pato</i>
wakõrõnã	wõrõnã	C(V).(C)V.CV.CV	<i>urucum</i>

A formas femininas têm um núcleo e um *onset* a mais que as formas masculinas correspondentes. Ao passo que em 1 e 2 o número de sílabas era o mesmo nas duas falas, neste caso, a forma feminina tem uma sílaba a mais que a masculina. Isso se dá pelo processo de ressilabificação que decorre do apagamento da vogal do primeiro núcleo e do *onset* da sílaba seguinte. Como *onset* sozinho não constitui sílaba, o *onset* da primeira sílaba e o núcleo da segunda formam uma única sílaba.

## 4) Diferença no núcleo de uma sílaba e no onset da sílaba seguinte e, ainda, em um outro onset

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
rakõḍukõreri	rodõureri	C(V).(C)V.CV.(C)V.CV.CV	<i>eu estou subindo</i>

Assim como em 3, as formas feminina e masculina têm diferenças no número de sílabas: seis e cinco, respectivamente. Nesse caso, ocorrem dois processos de ressilabificação. Um é o apagamento da vogal do primeiro núcleo, o que obriga o *onset* a juntar-se à vogal do núcleo seguinte, substituindo o *onset* /k/, que sofreu apagamento. No outro processo, apaga-se o *onset* /k/ da quarta sílaba, que passa ser composta apenas pelo núcleo.

### 5) Diferença no *onset* e no núcleo de sílaba final

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
ikɔku	ikɔ	V.CV.CV	<i>adiante</i>
hawɔkɔ	hawɔ	CV.CV.CV	<i>canoa</i>
ɔʒuhuku	ɔʒuhu	CV.CV.CV	<i>antigamente</i>
bəɖerahiiki	bəɖerahi	CV.CV.CV.CV.CV	<i>mato (nome)</i>
wahitʃiwoku	wahitʃiwo	CV.CV.CV.CV.CV	<i>meus rins</i>

Nesses itens lexicais, a forma feminina apresenta uma sílaba final CV a mais que a masculina. Nessas sílabas, o ataque é composto por /k/ e o núcleo pelas vogais altas /i/ e /u/ e pela média baixa /ɔ/. Precedem a vogal /u/ as posteriores médias /o/ e /ɔ/ e a alta /u/. Os núcleos finais /i/ e /ɔ/ são precedidos por vogais idênticas.

### 6) Diferença no *onset* de uma sílaba e no *onset* e no núcleo de uma sílaba medial ou final

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
kɔlɔkuna	ɔlɔna	(C)V.CV.(CV).CV	<i>pena branca</i>
ikɔlɔku	ɔlɔ	V.(C)V.CV.(CV)	<i>rei</i>
koworoku	oworu	(C)V.CV.CV.CV	<i>roça</i>

Em todos esses casos, a forma feminina tem três unidades temporais e uma sílaba a mais que a forma masculina. Essas diferenças correspondem à ausência do *onset* /k/, inicial ou medial, e de uma sílaba CV, medial ou final, nas correspondentes masculinas. Compõem essa sílaba um *onset* formado por /k/ e um núcleo formado por /u/. Antecedem essa sílaba a vogal média /ɔ/ ou a vogal média /u/.

### 7) Diferença no *onset* e no núcleo de uma sílaba medial e no *onset* de uma sílaba seguinte

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
wakoiko	wawio	CV.(CV).CV.(C)V	vinte
rawokudəkõñmähãeri	rawodəõñmähãeri	CV.CV.(CV).CV.(C)V.CV. CV.CV.CV.CV	ele/a está fazendo barulho

Nesses dois exemplos, a forma feminina tem três unidades temporais a mais que a forma masculina, pois apresenta uma sílaba CV medial e um *onset* que não ocorrem na fala dos homens. O *onset* é preenchido pela velar /k/, e a sílaba CV exclusivamente feminina é formada por /k/ mais vogais posteriores /u/ ou /o/.

### 8) Diferença no *onset* e no núcleo de uma sílaba medial

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
reakara	reara	CV.V.(CV).CV	eu fui
θukuθeri	θuθeri	CV.(CV).CV.CV	bigode
ladəkəwə	ladəwə	CV.CV.(CV).CV	angico
idzadəkəma	idzadəma	V.CV.CV.(CV).CV	moça
dikirurena	dīrurena	CV.(CV).CV.CV.CV	agulha
wawokudεθε	wawodεθε	CV.CV.(CV).CV.CV	dor de barriga

As formas femininas têm uma sílaba medial CV que não existe nas formas masculinas correspondentes. O *onset* dessa sílaba é ocupado pela velar /k/ e pelas vogais /i/, /a/, /u/ e /o/. A vogal /i/ precede a sílaba ki, a vogal /a/ precede a sílaba ka, as médias baixas /ε/ e /ɔ/ precedem kə, e as posteriores /u/ e /o/ precedem ku.

### 9) Substituição de uma sílaba CCV da fala feminina por uma V, seguida de CV, na masculina

Fala feminina	Fala masculina	Sílaba	
krakre	arakre	CCV.CCV/V.CV.CCV	eu vou embora
kralahu	aralahu	CCV.CV.CV/V.CV.CV.CV	povo kayapó

Nesse caso, a forma masculina apresenta uma sílaba a mais que a feminina, mas o número de unidades temporais permanece o mesmo. Na fala das mulheres, a vogal baixa /a/ é o núcleo das sílabas CCV e continua núcleo nas sílabas V e CV na fala dos homens.

## KADIWÉU

O trabalho de Souza (2012) verifica que o Kadiwéu distingue a fala das mulheres e a fala dos homens nos níveis fonético, fonológico e lexical. No nível fonético, as mulheres alongam as vogais das palavras, e os homens produzem as vogais de forma simples. No nível fonológico, a diferença se dá na duplicação de vogais presente na fala feminina. A duplicação em Kadiwéu acontece quando um radical tem um número ímpar de sílabas na fala masculina e as mulheres duplicam uma vogal, formando uma sílaba e deixando a palavra com uma quantidade par de sílabas (SOUZA, 2012). Se o radical, na fala masculina, já tem um número par de sílabas, a mulher apenas alonga a vogal para marcar seu gênero linguisticamente. Na ortografia Kadiwéu, os processos são grafados como <V> (fala masculina) e <VV> (fala feminina).

### 1) Alongamento ou duplicação de <a>

Fala feminina	Fala masculina	
nibaakedi	nibakedi	<i>trabalho (nome)</i>
-iaadi	-iadi	<i>sentir falta</i>
-naadi	-nadi	<i>ver</i>
nigaana	nigana	<i>menina</i>

### 2) Alongamento ou duplicação de <e>

Fala feminina	Fala masculina	
leegita	legita	<i>longe</i>
limeedi	limedi	<i>época</i>
nigeegi	nigegi	<i>brinco</i>
nigecoGee	nigecoGe	<i>olho</i>

### 3) Alongamento ou duplicação de <i>

Fala feminina	Fala masculina	
niiale	niale	<i>árvore</i>
-iote	-iote	<i>dormir</i>
-iiGe	-iGe	<i>mandar</i>
iiGo	iGo	<i>mundo, Terra</i>

### 4) Alongamento ou duplicação de <o>

Fala feminina	Fala masculina	
-anioodi	-aniodi	<i>comer</i>
nioona	niona	<i>filha</i>
nioonigi	nionigi	<i>filho</i>
lamoodi	lamodi	<i>cabelo</i>

No que tange à variação lexical entre as falas feminina e masculina, Souza (2012) relata que, em alguns casos, as palavras usadas por homens e mulheres diferem-se completamente; em outros, as palavras são mais semelhantes, mas o radical carrega a maior distinção.

Fala feminina	Fala masculina	
aaginaGa	Goneleegiwa	<i>homem</i>
-aaka	-acipe	<i>beber</i>
niwaagodo	niotagodo	<i>senhora</i>
nibiigi	nibodigi	<i>notícia</i>
aami	akami	<i>você</i>
niitena	nopitena	<i>flecha</i>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As distinções entre fala feminina e fala masculina são um fenômeno observado em várias línguas do mundo, em maior ou menor grau (BORGES, 2004).

O objetivo deste trabalho foi abordar as diferenças linguisticamente marcadas de acordo com o gênero da/do falante em duas línguas brasileiras: Karajá e Kadiwéu. Em relação ao Karajá, verifica-se que as diferenças se concentram no nível fonológico, por meio da presença de mais unidades temporais nas formas femininas, que, em alguns casos, promovem processos de ressilabificação. Em um único caso, a forma masculina apresenta uma sílaba a mais que a forma feminina.

O Kadiwéu também parece concentrar as diferenças no nível fonológico e, ainda, no fonético. As mulheres Kadiwéu alongam ou duplicam uma vogal dos itens lexicais para marcar sua fala. No entanto, o que Souza (2012) fez em seu trabalho foi muito mais um levantamento de palavras em que a diferença é marcada do que uma descrição, como a própria autora reconhece. Por isso, uma pesquisa mais aprofundada sobre as diferenças entre fala feminina e fala masculina no Kadiwéu faz-se necessária, para contribuir com o escasso conjunto de trabalhos que tratam do tema tendo em perspectiva as línguas indígenas brasileiras.

Um dos apontamentos de Souza (2012) que podem servir de objeto de estudo para pesquisas futuras, principalmente as que querem alinhar os estudos descritivos das línguas indígenas com a linguística feminista, é o fato de que os homens *gays* Kadiwéu estão fazendo uso deliberado e cotidiano da fala feminina. Será que isso também ocorre em outras línguas e povos? De que forma as normas dicotômicas (homem/mulher) de gênero e língua estão sendo transgredidas nas línguas indígenas que marcam fala feminina e fala masculina? Como essas transgressões estão sendo percebidas pelas pessoas do mesmo grupo?

## Female and male speech in Karajá and Kadiwéu

### Abstract

This article is part of linguistic typology studies (WHALEY, 1997), and it aims to address the differences between female and male speech in Brazil's indigenous languages. The chosen languages were Karajá (Macro-Jê) and Kadiwéu (Guai-kuru) since both already have descriptions and surveys that specifically address this issue: Borges's (1997, 2004, respectively) dissertation and article on Karajá and Souza's (2012) dissertation on Kadiwéu. In both Karajá and Kadiwéu, there

are phonological differences, through resyllabification processes, in the case of Karajá, and phonetic differences, in the case of Kadiwéu.

## Keywords

Linguistic typology. Female and male speech. Brazilian indigenous languages.

## REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BORGES, M. *As falas feminina e masculina no Karajá*. 1997. 286 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.
- BORGES, M. Diferenças entre as falas feminina e masculina no Karajá e em outras línguas brasileiras: aspectos tipológicos. *Liames*, v. 4, p. 103-113, 2004.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CAMERON, D. *The feminist critique of language: a reader*. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2005.
- JESPERSEN, O. The woman. In: CAMERON, D. (ed.). *The feminist critique of language: a reader*. 2. Ed. Abingdon: Routledge, 2005. p. 225-241.
- LAKOFF, R. *Language and women's place*. New York: Harper and Now, 1975.
- SOUZA, L. *Descrição da fala feminina e fala masculina na língua kadiwéu*. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Pioneiros, 2012.
- TANNEN, D. *You just don't understand: women and men in conversation*. New York: William Morrow, 1990.
- WHALEY, L. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Thousand Oaks: Sage, 1997.